

MARCHA PARA EXU E O CONSUMO DO IMAGINÁRIO

Rayane Marinho Leal¹

Resumo

O artigo aborda o fenômeno da “Marcha para Exu”, que acontece em São Paulo, e a sua relação com a produção de narrativas midiáticas, a partir da análise do consumo do imaginário e da possibilidade do deslocamento do sentido espiritual da religião para o campo do imaginário social. Para alcançar o que se propõe, utilizamos da revisão bibliográfica, dos autores Merleau-Ponty (1999), Morin (1997) e Marchado (2013). O estudo demonstra que a tendência de homogeneização promovida pelo campo midiático transforma as realidades e reconstrói imaginários religiosos.

Palavras-chave: Religião. Mídia. Imaginário.

1 INTRODUÇÃO

A palavra marcha significa caminhar, estar em jornada. No Brasil, ela é utilizada em hinos como “marcha da guerra Brasil” e por grupos organizadores de protestos, eventos militares ou civis e ainda ações publicitárias de algo ou alguém. A partir disso, podem ser vistas nas ruas diferentes marchas, da “Marcha das vadias” à “Marcha para Jesus”, o movimento de marchar nas ruas do Brasil está consolidado.

Nesse artigo, vamos analisar a “Marcha para Exu” e a produção das narrativas midiáticas do evento, que ocorre desde 2022, na Av. Paulista, em São Paulo. A marcha é organizada por Jonathan Pires, macumbeiro, músico e criador de conteúdo digital, que acumula 100 mil seguidores nas redes sociais. No Spotify, Jonathan se apresenta como o macumbeiro mais famoso

¹ E-mail: rayemarinho@gmail.com. Doutoranda com bolsa PROSUP, na Universidade Paulista. Realizou estágio supervisionado de Tese, na Paris Lodron Universität Salzburg com bolsa ERASMUS Plus. Possui mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), especialização em Direitos Humanos e graduação em Jornalismo pela mesma Universidade. Pesquisa temas relacionados a religião, mídia, intolerância religiosa e imaginário.

do Brasil, e é nessa plataforma que ele lançou o primeiro álbum, intitulado “*Nunca foi sorte, sempre foi macumba*”, em 2022. Um ano após o lançamento no meio virtual, essa frase também passou a ecoar nas ruas.

Com a repercussão do evento, revistas, portais de notícias e jornais realizaram os registros da movimentação na Av. Paulista. Entre os registros, uma imagem produzida pela Folha de São Paulo salientou características semelhantes a outro evento religioso, apresentado a seguir. Ao analisar a imagem ficou evidenciado que o mesmo fotojornalista da Folha de São Paulo foi designado para cobrir a Marcha para Jesus e a Marcha para Exu.

A partir do encontro das imagens produzidas pelo fotojornalista da Folha de São Paulo nas duas marchas, chegamos a seguinte pergunta: o efeito midiático da “Marcha para Exu” pode deslocar o sentido espiritual da religião para o campo do imaginário social? Para elucidar a pergunta buscamos metodologicamente o uso da leitura fenomenológica a partir da revisão bibliográfica dos autores Merleau-Ponty (1999), Morin (1997) e Machado (2013; 2014) e analisamos através das imagens padrões estéticos de comportamentos.

Ao decorrer das próximas páginas, temos o objetivo de promover uma discussão a respeito das novas narrativas religiosas no espaço público. As primeiras impressões sugerem que durante as marchas as performances religiosas são esteticamente semelhantes e podem promover o consumo do imaginário.

2 DESDOBRAMENTOS ESTÉTICOS DO FENÔMENO

As narrativas midiáticas estão presentes em novelas, filmes, músicas, eventos e espetáculos, elas são pensadas para alcançar o maior número de pessoas. O objetivo da padronização dessas narrativas é que a mesma mensagem seja compreendida e replicada pelo público.

Essas replicações de mensagens padronizadas foram duramente criticadas por Debord (1967), em “a sociedade do espetáculo”. Ele argumentava que, a cultura de massa e a mídia influenciam a criação de

novas experiências e realidades, diferentes de como são compreendidas fora desses espaços.

Tanto a mídia como a cultura de massa também são observadas no estudo realizado por Morin (1997), que evidencia o poder da industrialização na construção da mídia de massa no século XX. E estabelece o vínculo entre o consumo do imaginário e a estética, como um dos elementos cruciais para adesão das narrativas. Para entender essa relação, é necessário compreender a noção de estética em Morin (1997), a saber:

eu não defino a estética como a qualidade própria das obras de arte, mas como um tipo de relação humana muito mais ampla e fundamental. Assim, feita de modo estético, a troca entre o real e o imaginário é se bem que degradada (ou ainda que sublimada ou demasiado sutil), a mesma troca que entre o homem e o além, o homem e os espíritos ou os deuses que se fazia por intermédio do feiticeiro ou do culto. A degradação — ou o supremo requinte — é precisamente essa passagem do mágico (ou religioso) para a estética (MORIN, 1997, p. 78).

Em outras palavras, a estética se torna uma versão transformada e refinada da experiência religiosa ou mágica, mantendo o mesmo tipo de troca entre o real e o imaginário, mas em um contexto diferente. Essa experiência não é mais sentida no privado, mas no público, ganhando um senso de compreensão dos fenômenos. Não há mais o mistério entre o mundo religioso e o plano terreno; há o que as pessoas conseguem replicar de suas experiências e narrar. Existe o consumo do mundo imaginário que desloca o sentido do religioso para as mídias.

Esse deslocamento do sentido ocorre pela modificação da percepção do objeto cultural e da natureza, como podemos entender a partir da crítica de Merleau-Ponty (1999) à filosofia empírica tradicional da percepção. Para ele, o empirismo tradicional não permite o envolvimento da percepção com elementos complexos, que vão além de estímulos sensoriais.

O mundo imaginário se desloca para o campo da percepção através dos objetos, que são apresentados a partir da interpretação do sujeito. Esse sujeito, com todas as suas subjetividades, reorganiza os sentidos e introduz ao

mundo um novo modo de perceber, que está em constante construção.

Embora em constante construção, a mídia faz um recorte do tempo, estabelecendo quais elementos são percebidos com mais frequência. No entanto, os significados presentes nesse recorte são consumidos por outros sujeitos, que possuem referenciais diversos e múltiplos. É nesse momento que

o mundo imaginário não é apenas consumido sob forma de ritos e cultos, de mitos religiosos, de festas sagradas nas quais os espíritos se encarnam, mas também sob forma de espetáculos, de relações estéticas. Às vezes até as significações imaginárias desaparecem; assim, as danças modernas ressuscitam as danças arcaicas de possessão, mas os espíritos não estão nelas (Morin, 1997, p. 79).

Para ilustrar as discussões apresentadas até aqui, selecionamos duas imagens das marchas analisadas neste artigo. Essas imagens foram divulgadas pela Folha de São Paulo e capturadas pelo mesmo fotojornalista, permitindo identificar um padrão nos ângulos dos registros. Para leitura dos eventos, buscamos identificar padrões de comportamentos, a partir das duas imagens.

Embora sejam eventos diferentes, se o interlocutor utiliza apenas da linguagem narrativa para descrever os acontecimentos, quem ouve as palavras irá fixar a mensagem dos três primeiros elementos da leitura de imagem que pode ser vista, a seguir.

Quadro 1– análise descritiva do evento

<p>Descrição: Evento: Marcha para Jesus; Ano:2022. Fotojornalista: Bruno Santos Jornal: Folha de São Paulo Data de</p>	 <p>Fiés acompanham a Marcha para Jesus, que volta às ruas depois de três anos, com concentração na Estação da Luz, passando</p>	<p>Leitura da imagem:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. presença de trio elétrico 2. as mãos estão para o alto 3. evento acontece em trânsito 4. as pessoas vestem roupas com cores diversas 5. presença de policiais
---	---	---

<p>Publicação: 09 de julho de 2022.</p>	<p>pelo corredor das avenidas Tiradentes e Santos Dumont e termina na Praça Campo de Begatelle, zona norte de São Paulo, evento religioso teve a presença de presente Jair Bolsonaro. Fonte: Bruno Santos/ Folhapress</p>	
<p>Descrição: Evento: Marcha para Exu Ano: 2023 Fotojornalista: Bruno Santos Jornal: Folha de São Paulo Data de Publicação: 13 de agosto de 2023.</p>	 <p>Evento faz homenagem a figura central para religiões afrobrasileira como umbanda e candomblé na avenida Paulista. Fonte: Bruno Santos/ Folhapress</p>	<p>Leitura da imagem:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. presença de trio elétrico 2. as mãos estão para o alto 3. evento acontece em trânsito 4. as pessoas vestem roupas da cor majoritariamente preta e vermelha 5. não é evidenciada a presença de policiais

Fonte: Leal (2024)

Em uma leitura empírica, as duas imagens fazem parte de um mesmo processo, as duas marchas se deslocam do eixo religioso e passam a atuar no eixo político². O ato de “marchar” está presente nas duas imagens e a presença dos gestos que indicam a confirmação do que está sendo divulgado pelo “animador” ou “regentes” do evento.

Os dois campos, analisados esteticamente, apresentam símbolos religiosos, pessoas com as mãos no peito e para cima, deslocamento de pessoas, um trânsito das “massas”. A “Marcha para Exu” tem muitas

² Os fenômenos das marchas religiosas no Brasil abrem novas percepções para compreender quais são os outros níveis de representações quando o espaço religioso se desloca dos templos, terreiros e espaços sagrados e são transferidos para atos nas vias públicas. De modo ainda primário na análise, podemos imprimir a noção de que o deslocamento do religioso passa a atuar no eixo político quando as marchas abordam questões sociais, direitos humanos, compreensão de fé e buscam através desses atos impactos sociais na legislação e nas políticas públicas, elas apresentam um grupo com demandas específicas dentre outros e fortalecem a imagem de quem são os evangélicos ou macumbeiros através de indumentárias específicas, modos de se posicionar entre outros aspectos.

similaridades com a “Marcha para Jesus”, a começar pelo nome “marcha” e por manter o mesmo endereço da primeira “Marcha para Jesus”, no Brasil, em 1993. Além disso, o formato das atividades chama atenção de como ocorrem: em espaços públicos, com trios elétricos e grande comoção do público.

Para o organizador da “Marcha para Exu”, o evento estabelece o discurso de melhorias para a nação, e de que Deus é o pai e Exu é pai também. Nesse evento, o foco principal não imprime caráter político, mas o combate à intolerância. Na Marcha para Jesus, o ato tem o objetivo de salvar almas para Cristo, durante a caminhada líderes políticos aparecem, mas os organizadores afirmam que o principal foco é salvar vidas para a Jesus.

Na descrição da “Marcha para Jesus”, no artigo da Sant’ana (2014), podemos observar que,

A Marcha em si consiste num grande cantar, entremeado por momentos de fala que não ultrapassam 30 minutos. Mais de uma dezena de trios elétricos guiam a multidão em canções que orientam o tempo da caminhada e dos ânimos pela cidade, chegando-se a um espaço de concentração no qual há um grande palco em que se realizam os principais shows do dia (Sant’ana, 2014, p. 214-215).

Essas informações podem apresentar algumas semelhanças entre os eventos, mesmo não analisando os sons presentes na Marcha para Exu, na imagem as pessoas fazem gestos com as mãos para o alto, o que torna a interpretação do evento flutuante, uma vez que as religiões de matriz afrobrasileira como a umbanda compreendem os orixás como presentes na natureza e no plano mais próximos do terreno. No entanto, no evento, as pessoas parecem buscar no alto as melhorias para a nação, assim como os evangélicos.

Desse modo, é possível observar alguns deslocamentos de sentido do religioso para o midiático, quando apresentados na imagem o contexto apresenta uma narrativa de “Marcha” independente da religião. Na descrição do sociólogo, antropólogo e babalorixá Rodney William Eugênio,

em entrevista à BBC News Brasil: “Exu é o mais humano entre todos os orixás. Isso denota sua proximidade com as pessoas, mas também seu senso de generosidade e compreensão” (BBC News Brasil, 2024). A partir dessa construção de identidade apresentada, por que religiosos de matrizes africanas ergueram as mãos e entoaram “sempre foi Exu”?

Na observação das duas marchas nas avenidas é possível perceber a troca de olhares entre quem está presente no evento e quem está passando, a conexão de “fora” e “dentro” se faz em trânsito, por esses motivos, as marchas abrem espaço para novas interpretações das quais é possível pensar novas pesquisas no campo das ciências da religião, mídia e filosofia, vistas no próximo item.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstra que a tendência de homogeneização promovida pelo campo midiático transforma as realidades e reconstrói imaginários religiosos, uma vez que, “as mediações estabelecem pontos de flutuação de sentido na relação entre mídia e público, um sentido em construção, sempre, definindo-se e redefinindo-se nas contradições do sujeito” (Sá Martino, 2012, p. 223).

Sendo assim, encontramos nas narrativas midiáticas a reprodução do objeto cultural, a partir da construção por ângulos empiricamente dimensionados por imagens. Essa captura imediata do visível não consegue estabelecer dimensões ocultas na presença do objeto.

Observamos que a “Marcha para Exu” não apresenta narrativas do âmbito convencional das religiões afro-brasileiras estudadas até o momento. Alguns indícios de um novo objeto de estudo são adaptações como do nome do evento se apropria de um nome já existente no vocabulário popular, que denota um nível de aproximação com as religiões evangélicas, apresentando novos olhares para estudar as características já descritas no fenômeno da “evangelização em trânsito” para outras religiões, mas em um campo religioso além do cristão.

Assim, as imagens produzidas durante a “Marcha para Exu” e a “Marcha para Jesus” redirecionam o sentido dos rituais para o espetáculo sobre os rituais, que não aprofundam o que está no invisível – o sentido de ser, mas apresentam outras formas de imaginário.

As narrativas ficam homogenias quando são apresentadas no espaço público, desde as repetições dos gestos, às reproduções dos slogans, a exemplo do lema: “Nunca foi sorte, sempre foi Deus”; “Nunca foi sorte, sempre foi macumba”, redimensionando as centralidades do processo ritual das religiões de matriz afro-brasileira para um “clamor” a divindade “central”.

Essa forma de expressão com palavras afirmativas, caracterizam o evangelismo, que possuem as palavras como “profecias” e dons de “confirmação”, no entanto, as religiões afro-brasileiras partilham do processo de experiência nos rituais, que podem possuir palavras de afirmações, mas com a conexão do processo ritual através do corpo, não como intermediação, mas mediunidade através do ser carnal que recebe o espiritual, sendo identificado mais proximamente do que nas religiões cristãs são compreendidas como inspiração divina.

Consideramos que as marchas cumprem um papel de propagar as imagens das religiões com o intuito de agregar as narrativas políticas, assim pode ser observado durante a expansão da “Marcha para Jesus”, que ao longo dos anos transformou o dia do evento em lei, estabelecida na Lei 12.025 de 2009, instituída por Marcelo Crivella.

Outras pesquisas serão necessárias para observar como irá se desenvolver o fenômeno religioso da “Marcha para Exu”, que está no seu segundo ano de atuação e já apresenta possibilidades de disputa nas narrativas ou de consolidação do que é aceitável entre os apoiadores políticos dos mesmos posicionamentos.

PORTAL Mídia Ninja. Marcha para Exú reúne milhares na avenida paulista: “Exu muda a vida das pessoas”. Disponível em: <https://midianinja.org/marcha-para-exu-reune-milhares-na-avenida-paulista/>. Acesso em 20 de ago.2024.

SÁ MARTINO, Luis Mauro. mediação e midiatização da religião

em suas articulações teóricas e práticas:um levantamento de hipóteses e problemáticas. In: Mediação & Midiatização / Jeder Janotti Junior, Maria Ângela Mattos, Nilda Jacks, Organizadores ; prefácio, Adriano Duarte Rodrigues. - Salvador : EDUFBA ; Brasília : Compós, 2012. 219-244p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf>. Acesso em: 17 de ago.2024.